

## **Inglês nas escolas regulares brasileiras: adequações metodológicas para a eficácia do ensino e aprendizagem**

Gleice De Divitiis<sup>1</sup>

### **Resumo:**

Não é novidade alguma afirmar que o Inglês é a língua franca da sociedade globalizada. Com isso, comunicar-se no referido idioma torna-se uma necessidade básica para a ascensão profissional (e, muitas vezes, pessoal) do cidadão pós-moderno. Diante desse panorama, o presente artigo terá como intuito analisar o processo de ensino e aprendizagem de Língua Inglesa nos estabelecimentos de ensino regulares brasileiros e, conseqüentemente, investigar a eficácia ou não das metodologias adotadas por docentes de instituições públicas e/ou privadas para otimizar a formação de alunos "supostamente" preparados para enfrentar os desafios impostos pelo fenômeno da globalização.

**Palavras-chave:** ensino de Inglês; escolas regulares; metodologias de ensino.

### **1. Introdução:**

Inquietudes, incertezas e, mudanças que se apresentam em velocidades absurdas, nunca antes vividas. Esse é o mundo contemporâneo, norteado por visões distintas e pela alta velocidade de transmissão de fatos ocorridos, mesmo em locais distantes e de difícil acesso. Conforme o sociólogo polonês, Zygmunt Bauman, tal momento levanta uma série de desafios.

Bauman (2007, p.7) salienta a transição de uma fase “sólida” na modernidade, quando a sociedade se mantinha sem grandes movimentos por um longo período, para uma fase denominada pelo autor como “líquida”:

---

<sup>1</sup> Licenciada em Letras (Inglês/Português); especialista em Psicopedagogia; mestre em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo; doutoranda em Linguística Aplicada. Artigo apresentado como critério para a aprovação no curso de especialização em “Ensino de Inglês e Novas Tecnologias”, promovido pela Universidade Gama Filho.

[...] ou seja, para uma condição em que as organizações sociais (estruturas que limitam as escolhas individuais, instituições que asseguram a repetição de rotinas, padrões de comportamento aceitável) não podem mais manter sua forma por muito tempo (nem se espera que o façam), pois se decompõe e se dissolvem mais rápido que o tempo que leva para moldá-las e, uma vez reorganizadas, para que se estabeleçam.

Esse mundo “líquido” ou “globalizado” faz com que nesse sentido, barreiras antes intransponíveis sejam ultrapassadas. E, é evidente que a comunicação contribuiu de maneira decisiva para o fenômeno da globalização. Wolton (2004) observa a comunicação como “brilhante” para o século XX, pois gerou a aproximação dos homens e o enriquecimento cultural, todavia, o que pode ser benéfico para uns, também traz desvantagens para outros.

Moita Lopes (2013, p. 93) utiliza-se da citação da socióloga argentina Beatriz Sarlo (2000, p. 112) para exemplificar que nos países em desenvolvimento, como o Brasil, a questão de remediar os efeitos (negativos) dos meios de comunicação (de massa) é bastante problemática, principalmente, porque a escola não acompanha, mesmo neste século XXI, a sociedade globalizada e suas características. “Na maioria dos países da América Latina, a escola pública é hoje o lugar de pobreza simbólica, onde professores, currículos e meios materiais concorrem em condições de muito provável derrota com os meios de comunicação de massa”.

No texto intitulado “Educação não é Privilégio”, escrito em 1953, por Anísio Teixeira, percebe-se que o desnivelamento entre o ritmo seguido pela escola brasileira e o da sociedade naquele período já era preocupante. Teixeira observou que em sua maioria, o ensino brasileiro continuava arcaico, onde imperava a exposição e a reprodução verbal de conteúdos. “Esta pedagogia podia perfeitamente funcionar numa escola da Idade Média. A sua ‘filosofia do conhecimento’ é de que o conhecimento é um corpo de informações sistematizadas sobre as coisas, que se aprende compreendendo-as e decorando-as para a reprodução nos exames”. (p. 50)

Em outras palavras: o que se ofereceu e, ainda é oferecida nos estabelecimentos de ensino brasileiros é o escasso espaço para a crítica e reflexão dos estudantes, em que conteúdos prontos “facilitam” o trabalho do professor e, tornam o processo de ensino e aprendizagem repetitivo e inconsistente. É o que, de certa maneira, o educador Paulo Freire definiu como “educação bancária”, isto é:

Nela, o educador aparece como seu indiscutível agente, como seu real sujeito, cuja tarefa indeclinável é “encher” os educandos dos conteúdos de sua narração. Conteúdos que são retalhos da realidade desconectados da totalidade em que se engendram e em cuja visão ganhariam significação. [...] Desta maneira, a educação se torna um ato de depositar em que os depositários e o educador, o depositante. [...] Na visão “bancária” da educação, o “saber” é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber. Doação que se funda numa das manifestações instrumentais da ideologia da opressão – a absolutização da ignorância, que constitui o que chamamos de alienação da ignorância, segundo a qual esta se encontra sempre no outro. (Freire, 2011, p. 79-81)

É óbvio que a tal “educação bancária” não é um fenômeno isolado da educação básica. Na realidade, existe uma espécie de “bola de neve”, em que nos cursos de licenciatura, os futuros docentes são formados baseados na “educação bancária” e, durante as suas aulas o procedimento é repetido e, conseqüentemente, novos professores são expostos ao processo condenado por Paulo Freire.

Se em todas as disciplinas a “educação bancária” está presente, no que tange ao estudo da linguagem e, mais especificamente, ao ensino de Língua Inglesa, a prática também é uma realidade.

Fabício (2013) analisa que, por se tratar de uma prática social, os estudos relacionados ao campo das ciências da linguagem não podem ser investigados de forma isolada. No que se refere ao Inglês, existe mais uma questão: o idioma visto como o meio de comunicação global.

Diante de tudo o que foi exposto, propõe-se estudar, através de análises documental e bibliográfica, além de entrevistas semiabertas, o processo de ensino e aprendizagem de Língua Inglesa nas escolas regulares brasileiras no contexto atual e, as adequações metodológicas que podem ser feitas para tornar o ensino do idioma eficaz, mesmo diante de algumas adversidades como a heterogeneidade dos grupos trabalhados e, a ausência de recursos extras, tais como computador, aparelho de TV, rádio com CD, etc.

## **2. A escola regular brasileira e o ensino de Inglês**

É fato que o Inglês é a língua franca do período contemporâneo, isto é, o idioma utilizado por indivíduos das mais diversas partes do planeta para se comunicar. Para se ter uma ideia dessa homogeneidade, mãos de 70% do conteúdo disponibilizado na

internet está em Inglês. Nesse sentido, não é ousadia afirmar que a pessoa que não possui fluência, enfrentará algumas dificuldades para a inserção no mercado de trabalho cada vez mais exigente e competitivo.

Na visão de Crystal (1997, p.2) apud Kumaravadivelu (2013, p. 135): “Uma língua alcança um status verdadeiramente global quando desenvolve um papel especial reconhecido em todos os países”.

Phillipson (2003, p. 16) constata que o Inglês como meio de comunicação global traz interesses comerciais e outros subjacentes: “O Inglês adquiriu um poder narcótico em muitas partes do mundo, um vício que tem tido consequências de longo prazo que estão longe de ficar claras. Da mesma forma que o comércio de drogas, em seus ramos e ilegais, há grandes interesses comerciais na indústria do ensino de Inglês global”. Tal pensamento, inclusive, é compartilhado por inúmeros filósofos, sociólogos e especialistas ao redor do planeta.

Especificamente no Brasil, o panorama não poderia ser diferente. Falar Inglês e “dominar” as habilidades da escrita, leitura e compreensão auditiva pode ser o fator determinante para conseguir um bom emprego, principalmente, em empresas de grande porte e/ou multinacionais. Além disso, os eventos esportivos promovidos no país (Copa do Mundo e Olimpíadas de Verão) reacenderam a necessidade do aprendizado de um segundo idioma.

De acordo com pesquisa realizada pelo British Council e, publicada pelo jornal “O Globo”, de 30 de setembro de 2012<sup>2</sup>, apenas 5% dos brasileiros sabem efetivamente falar Inglês. Já o levantamento feito pelo site de empregos “Vagas.com”, divulgado na referida matéria jornalística, apontou que 51% das pessoas que declararam em seu currículo nível avançado de Inglês, apenas 36% comprovaram o que afirmaram através dos testes de proficiência.

No país, já é sabida a busca por cursos de idiomas, todavia, a escola regular oferece a disciplina Língua Inglesa na sua grade curricular, a partir do Ensino Fundamental, na rede pública<sup>3</sup>. No entanto, nas escolas regulares, alguns fatores podem problematizar a prática docente, como por exemplo, o número excessivo de alunos por sala, a estrutura dessas salas, entre outros. Com isso, cria-se até uma espécie de

---

<sup>2</sup> Disponível em 25 out. 2013, no site: <http://oglobo.globo.com/emprego/brasil/brasil-5-dominam-idioma-6239142>.

<sup>3</sup> Obviamente, na rede privada, o ensino privado começa, geralmente, a partir da Educação Infantil, por volta dos três anos de idade.

conformismo, quando muitos profissionais percebem que o ensino e aprendizagem de Inglês não ocorreu ou, deixou algumas lacunas.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Estrangeira, a habilidade que deve ser priorizada no ensino básico regular é a leitura, uma das justificativas segundo o documento se ampara no fato de que:

[...] somente uma pequena parcela da população tem a oportunidade de usar línguas estrangeiras como instrumento de comunicação oral, dentro ou fora do país. Mesmo nos grandes centros, o número de pessoas que utilizam o conhecimento das habilidades orais de uma língua estrangeira em situação de trabalho é relativamente pequeno [...]. [...] Portanto, a leitura atende, por um lado às necessidades da educação formal, e por outro, é a habilidade que o aluno pode usar em seu contexto social imediato. Além disso, a aprendizagem de leitura em língua estrangeira pode ajudar o desenvolvimento integral do letramento do aluno. A leitura tem função primordial na escola e aprender a ler em outra língua pode colaborar no desempenho do aluno como leitor em sua língua materna. (1998, p. 20)

Nesse sentido, os Parâmetros, conforme o próprio texto menciona, seguem uma perspectiva interacionista sociodiscursiva, isto é, trata-se de uma corrente do Interacionismo Social, parte integrante dos estudos de Psicologia da Linguagem, desenvolvida na unidade de Didática de Línguas da Universidade de Genebra e, tem como seus principais representantes Jean-Paul Bronckart, Bernard Schneuwly e Joachin Dolz.

Para Machado (2005), o Interacionismo Sociodiscursivo é definido

[...] como uma abordagem transdisciplinar das condições do desenvolvimento humano, que desenvolve trabalhos teóricos e empíricos, focalizando o papel fundamental da atividade discursiva nesse desenvolvimento, dentro de uma tradição teórica que tem sua origem básica nas concepções de Spinoza, Marx e Vygotsky. Ele se insere no programa mais geral do interacionismo social, posicionamento epistemológico e político encontrado em várias disciplinas das Ciências Humanas, que priorizam o social como fonte do desenvolvimento do funcionamento psíquico humano, mas atribuindo um papel central à linguagem. Assim, compreendemos que é nos textos que se materializam os diferentes gêneros, e que é por meio desses mesmos textos que o homem age nas mais diversas atividades sociais (BAKHTIN, 1992). Dessa forma, consideramos que os gêneros, tomados como unidades de ensino (SCHNEUWLY, 1994), e quando realmente apropriados pelos aprendizes, podem possibilitar a efetivação de ações de linguagem em diferentes atividades.

Assim,

o objetivo do ISD é o de analisar as condições de funcionamento efetivo dos textos, partindo do princípio de que os gêneros textuais são os produtos de uma atividade linguageira coletiva, organizada pelas formações sociais e visando a adaptar os formatos textuais às exigências das atividades gerais. (Lousada, 2010)

Diante disso, reconhece-se a importância da abordagem sociointeracionista no ambiente escolar, no entanto, limitar o aprendizado do aluno a apenas o uso da leitura, pode tornar o ensino de Língua Inglesa extremamente reducionista. Talvez, atividades relacionadas à escrita, à fala ou à compreensão auditiva sejam bem mais complexas em ambientes não propícios para essas práticas, como por exemplo, salas de aula com mais de 40 alunos o que, em muitas situações, não é uma característica exclusiva da rede pública.

A matéria do jornal “O Globo” (já mencionada no presente texto), inclusive, aborda a temática: “A razão principal é a deficiência do ensino da Língua Inglesa no total da população. Há uma correlação direta entre a estrutura do Ensino Médio e a política educacional do país com os resultados baixos – explica Luciano Timm, diretor de marketing da EF EnglishTown”.

Com a ampliação do uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) nestas primeiras décadas deste século XXI, novas tarefas foram instituídas, principalmente na rede privada, para tentar otimizar o ensino de Inglês e, torna-lo realmente adequado. Inclusive, em colégios de grande parte, com mais de mil alunos matriculados, observa-se o nivelamento de alunos, ou seja, o que muitos profissionais de ensino consideram uma barreira para o aprendizado de Inglês eficaz, seria completamente extinta. Dessa forma, todos os alunos são de um único nível em cada sala de aula e, as aulas são preparadas de maneira uniforme.

No entanto, as matrículas em cursos de idiomas ainda crescem, o que demonstra que não basta a inserção das tecnologias e demais atividades na escola, se a metodologia e todos os envolvidos no processo de ensino e aprendizagem não forem conscientizados da importância da língua estrangeira para o desenvolvimento intelectual de crianças e adolescentes.

Pedro Demo analisa que as tecnologias isoladas não produzem um efeito satisfatório se a formação do professor não for priorizada. Para o autor o perfil ideal dos educadores

é daquele que, além de formação original adequada (isto é, cursos de graduação eficientes), mantém-se em formação permanente como condição fatal de sua profissão. Deve ser a imagem viva de quem sabe aprender, estudar, pesquisar, elaborar, para poder construir tais efeitos nos alunos. Para que o aluno saiba pensar, é indispensável que o professor saiba pensar. Aí, a idéia de formação permanente é a alma do negócio, encontrando nas novas tecnologias apoio fantástico. (2006, p.124)

### **3. Metodologias de Ensino:**

A problemática do ensino de Inglês é percebida pelos alunos. Em pesquisa realizada pela Professora Ana Maria Ferreira Barcelos, da Universidade Federal de Viçosa, em Minas Gerais, com alunos universitários que cursaram a educação básica em escola pública é possível perceber a insatisfação e a desmotivação com o aprendizado de língua estrangeira (Inglês) que receberam nas instituições regulares:

Nas narrativas de alguns alunos foi possível perceber que eles concebem a escola pública e o curso de idiomas como lugares dicotômicos. Em um, é possível aprender. Em outro, não. (2006, p. 155)

Ainda na mesma pesquisa, é possível observar que

para a maioria dos alunos, a experiência de aprendizagem em escola pública é caracterizada com ruim e desmotivante. As razões fazem alusão a vários fatores, tais como problemas pedagógicos, (des)-motivação, (não) uso da língua e falta de competência dos professores. (Barcelos, 2006, p.155)

Barcelos ainda aponta, no mesmo artigo, a não reprovação dessa disciplina como um dos fatores que podem contribuir para a ineficácia do processo de ensino e aprendizagem de Inglês e o conseqüente descontentamento de professores, pais, alunos e demais interessados.

Para tentar compreender quais são as metodologias de ensino de língua estrangeira aplicadas nas instituições regulares brasileiras, foram analisados os programas:

- Programa São Paulo Faz Escola (Rede Estadual de São Paulo);
- Programa da Rede Estadual de Ensino de Roraima (Ensino Médio);
- Proposta Curricular de Língua Estrangeira (Governo do Estado de Santa Catarina);
- sistemas apostilados: Objetivo, Anglo e Etapa.

A escolha pelas propostas da rede pública ocorreu de forma aleatória, no entanto, de maneira a analisar três regiões completamente distintas do Brasil (Sudeste, Sul e Norte). Com relação aos sistemas de ensino: todos os citados são conhecidos e utilizados amplamente em todo o território nacional.

### **3.1 São Paulo Faz Escola:**

O currículo, que faz parte do referido programa, foi apresentado em 2011 (2ª edição). De acordo com o programa, o ensino de língua estrangeira passou por inúmeras transformações ao longo dos anos, seguindo as mudanças ocorridas na sociedade.

Para isso, é necessário que o texto (oral ou escrito), entendido como manifestação concreta do discurso, ocupe lugar central na ação pedagógica e deixe de ser trabalhado como material para mera tradução ou como pretexto para o estudo da gramática. A essência da ação pedagógica será, então, promover a articulação entre o texto, seu contexto de produção e seu contexto de recepção, propiciando, assim, a construção de uma visão de ensino de línguas que possa promover

autonomia intelectual e maior capacidade de reflexão dos aprendizes, contribuindo decisivamente para a formação cidadã dos educandos. Nesse sentido, o atual Currículo da SEE/SP pressupõe alteração significativa no conceito de conteúdo em LEM. Não se trata mais de privilegiar a gramática ou as funções comunicativas; trata-se, sim, de promover, no estudo da língua estrangeira, o engajamento discursivo por meio de textos e práticas sociais autênticos que possibilitem ao estudante o conhecimento e o reconhecimento de si e do outro, em diferentes formas de interpretação do mundo. (p. 108)

Em todo o conteúdo programático do “São Paulo Faz Escola”, nos Ensino Fundamental e Médio, o primeiro objetivo a ser seguido sempre está ligado à cultura, conforme exemplo a seguir: Ler, compreender, analisar e interpretar: entrevistas, perfis *on-line*, conversas em salas de bate-papo (internet), piadas, adivinhas e diálogos, inferindo seus traços característicos, bem como suas finalidades e usos sociais. (p. 122)

### **3.2 Roraima:**

O referencial curricular do Ensino Médio, utilizado pela rede pública estadual de Roraima, foi elaborado em 2012. Apesar dos erros ortográficos e de concordância, o programa do Estado de Roraima enfatiza a importância do ensino de língua estrangeira no mundo contemporâneo e, principalmente a questão cultural que deve ser abordada durante as aulas.

[...] o domínio exclusivo de seu idioma materno e os seres humanos, enquanto seres coletivos estariam condenados a desentenderem-se. E o que vemos hoje é um mundo globalizado, que nos permite o acesso à informação como nenhuma outra época. Ao conhecer outra(s) cultura(s), outra(s) forma(s) de encarar a realidade, os alunos passam a refletir, também, muito mais sobre a sua própria cultura e ampliam a sua capacidade de analisar o seu entorno social com maior profundidade, tendo melhores condições de estabelecer vínculos, semelhanças e contrastes entre a sua forma de ser, agir, pensar e sentir e a de outros povos, enriquecendo a sua formação. (p. 329)

Para justificar a ênfase à habilidade da leitura, o programa apresenta diversos trechos dos PCNEM:

Portanto, —é necessário que se priorize os exercícios de leitura e compreensão textual, para a formação linguística dos indivíduos, contribuindo, assim, para o desenvolvimento

de outras competências e habilidades (Martinez, 2009). Os exercícios de leitura devem ser trabalhados com espontaneidade, conforme cada nível de conhecimento da língua alvo, não devem ser feitos de forma aleatória, nem mesmo como prática desmotivadora para os alunos, pois visam atingir níveis elevados de letramento.

### 3.3 Santa Catarina:

A proposta curricular do Estado de Santa Catarina elaborada pela Secretaria da Educação e do Desporto (SED), afirma que o projeto político-pedagógico deve ser seguido de forma independente por cada escola, no entanto, a proposta tem o objetivo de oferecer uma “linha norteadora” para as atividades desenvolvidas na sala de aula. A referida proposta é baseada no interacionismo social de Vygotsky e Bakhtin. Atualmente, inclusive, o Estado de Santa Catarina oferece, além da matéria Língua Inglesa, cursos de Alemão, Espanhol, Francês e Italiano.

Num mundo em que os avanços tecnológicos aproximam povos, instituições e indivíduos, o estudo de uma língua estrangeira moderna torna-se fundamental. Considerando que vão aumentar as possibilidades de os alunos das escolas públicas entrarem em rede (Internet), haverá também interesse pessoal no aprendizado de LE. (p. 4)

O objetivo (ideal) de desenvolver as habilidades de falar, escutar, ler e escrever em uma LE contribuiu para o silenciamento quase total dos alunos. Destacamos aqui a necessidade da definição da proficiência desejável e a importância de que esta esteja ligada à realidade social. A opção por uma habilidade não desconsidera as demais e nem significa que estas não devam ser exploradas pelo professor. Mostra, isto sim, a necessidade de a escola pública levar o aluno a um aprendizado eficaz, ou seja, que permita o acesso a um texto em LE, assumindo assim a sua função social. Optar por uma habilidade significa torná-la pivô de atividades que acabarão por vinculá-la a outras, de uma forma mais marcada ou menos marcada. O ensino instrumental de línguas, por exemplo, privilegia a compreensão em leitura, atendendo a um objetivo que muitas pessoas buscam e conseguem atingir em tempo relativamente curto. (p. 7)

### 3.4 Sistema Objetivo:

Com mais de quatro décadas de história, a rede Objetivo constituída por colégios, universidades, cursos pré-vestibulares e, o sistema de ensino. Não há uma parte exclusiva no site para tratar de cada disciplina. De acordo com o site da instituição<sup>4</sup>:

O que diferencia o material didático do Objetivo, com seus Cadernos de Atividades e os livros da Coleção Objetivo, é a constante atualização de conteúdo, pedagógica, tecnológica, gráfica e visual. Para efetuar esse trabalho, o Centro de Pesquisa e Tecnologia – CPT – utiliza tecnologia de ponta. A Divisão de Sistemas e Métodos de Aprendizagem elabora e atualiza o conteúdo, a metodologia de ensino e as práticas pedagógicas. O Departamento de Programação Pedagógica responsabiliza-se pela estruturação dos cursos, dos horários e das demais atividades. A Editora e o Parque Gráfico do Objetivo encarregam-se de imprimir e colocar nas mãos dos conveniados o material correspondente a cada aula. O material didático do Objetivo é cuidadosamente elaborado para abranger todo o conteúdo programático e responder rapidamente aos desafios e acontecimentos do mundo contemporâneo.

### 3.5 Sistema Etapa:

Sistema surgiu há mais de 40 anos, pelo Grupo Educacional Etapa, que atualmente possui escolas regulares de Educação Básica, Cursos Pré-Vestibulares, faculdade, gráfica e editora.

No site, específico para as explicações sobre a metodologia adotada pelo sistema<sup>5</sup>, não há um local específico para cada disciplina, no entanto, o material, de uma forma geral, é observado como:

O Sistema Etapa criou e vem adotando, com exclusividade, o ensino em Espiral Crescente. Esse método distribui os conteúdos à medida que as séries avançam. Dentro de uma linha de coerência, ele permite que o aluno retome conceitos de forma atualizada e comparativa. O benefício do ensino em espiral crescente é a garantia de sedimentação do conhecimento. [...]O Sistema Etapa tem imenso cuidado na elaboração de seus materiais, preservando a capacidade dos estudantes de aprender de forma ampla e aberta, sem o viés ideologizado e unidimensional que permeia outros livros e apostilas. Um material que, além de possibilitar o acesso ao ensino superior de qualidade, é compatível com uma formação eticamente bem estruturada.

---

<sup>4</sup> [http://www.objetivo.br/convenios/ensino/material\\_didatico.asp](http://www.objetivo.br/convenios/ensino/material_didatico.asp), disponível em 26 out. 2013;

<sup>5</sup> <http://www.sistemaetapa.com.br/osmateriais/formacaocompleta>, disponível em 26 out. 2013.

Na realidade, observa-se que o site faz uma larga propaganda do seu produto mas, não mostra detalhes do que é produzido.

### **3.6 Sistema Anglo:**

Com uma história centenária, o site do sistema Anglo<sup>6</sup> oferece mais informações sobre a proposta pedagógica formulada, apesar de que a maioria do conteúdo disponibilizado é acessível apenas para usuários cadastrados. De acordo com o site do sistema:

O material Anglo para o Ensino Médio desenvolve a criatividade dos alunos e a capacidade de enfrentar com sucesso situações novas, contribuindo para sua formação ética e cidadã, além de torná-los aptos a disputar vagas nas mais concorridas universidades.

Com relação, ao material de Língua Inglesa, a proposta pedagógica não está disponibilizada para os visitantes da “homepage”. No entanto, é possível observar uma breve biografia das autoras do material: professoras com vasta experiência na Educação Básica, inclusive, na própria rede Anglo.

### **3.7 Entrevistas:**

No período compreendido entre os meses de julho e agosto de 2013, foram entrevistados dez docentes de Língua Inglesa, atuantes na Educação Básica das redes pública e privada na cidade de São Paulo, além de alunos matriculados no Ensino Médio.

Percebe-se que a maioria dos entrevistados considera o uso das tecnologias de informação e comunicação essencial para tornar as aulas mais atraentes:

---

<sup>6</sup> <http://www.sistemaanglo.com.br/>

Certamente, as minhas aulas ficaram bem mais atraentes após a instalação do projetor e do computador em sala de aula. Os alunos adoram quando levo slides ou, apresento vídeos pertinentes ao que é abordado nos textos estudados. As tecnologias trouxeram uma nova forma de ensinar. Hoje fica até difícil trabalhar em uma escola em que não encontro recursos tecnológicos. (Professora da rede privada)

Já os professores da rede estadual não encontram em todas as salas de aula, ferramentas tecnológicas, no entanto, buscam alternativas para tornar o processo de ensino-aprendizagem mais eficaz:

Não tenho computador, lousa interativa, ou projetor em sala de aula. Todavia, trabalho com recursos mais rudimentares que, dependendo das turmas, trazem resultados tão bons quanto o uso do computador. Teatro de fantoches, rodas de leitura, show de talentos, letras de música, entre outros, tornam as aulas mais interessante. É realmente satisfatório perceber um sorriso no rosto de um aluno que antes não conseguia entender as aulas de Inglês e, agora consegue notas acima da média. (Professor da rede estadual de São Paulo)

Com relação aos alunos, um dos empecilhos apontados está no fato da disciplina Língua Inglesa não reprovar de forma isolada na maioria dos estabelecimentos de ensino:

Já estudei em três escolas diferentes. E sempre foi a mesma coisa. Aulas de Inglês em que os professores não sabem Inglês. Na verdade, nunca prestei muita atenção nas aulas pois, se eu for bem nas outras matérias e, for reprovado em Inglês, não vai “pegar nada”. Então, não fico muito preocupado em estudar Inglês. A professora que tenho hoje até que é legal, mas odeio estudar Inglês. (aluno de escola privada)

Outra questão bastante discutida entre os alunos, está na prioridade à leitura em detrimento das outras habilidades:

Sinceramente? Não aguento ficar estudando só texto em Inglês. Eu sei que ler é importante mas, a professora poderia trabalhar com outras questões. Nem aula de gramática eu tenho mais. E, quando troca de professor a história se repete. Não tem jeito. Eu já não gostava de Inglês, agora então. (aluna de escola privada)

#### **4. Conclusões:**

“Estudar Inglês é uma necessidade”. Tal pensamento é repetido exaustivamente na atualidade e, inclusive, foi exposto no presente artigo. Entretanto, pouco se discute o propósito de cada aluno que busca um curso de idioma. A pressão profissional, a rotina de aulas em mais de uma escola, entre outras problemáticas, fazem com que o professor conheça pouco ou, desconheça o perfil de seus alunos e, conseqüentemente, as aulas ficam limitadas ao uso dos livros e/ou sistemas apostilados preparados para a realidade de poucos.

Em um país com dimensões continentais como o Brasil, seria utópico afirmar que uma apostila elaborada por professores (especializados) atuantes em São Paulo, por exemplo, seja capaz de atender as necessidades de quem reside na região Amazônica ou Sul. Nesse sentido, o interacionismo social tão exposto nas propostas pedagógicas, não é seguido “à risca”, pois o cotidiano dos estudantes, as experiências vividas não são valorizadas e, nem sequer utilizadas no processo de ensino-aprendizagem.

Com relação ao uso das tecnologias, parece ser uma unanimidade entre os professores que o computador e, principalmente, a internet, transformaram os métodos de ensino. No que tange ao ensino de Inglês, os recursos tecnológicos incrementaram as aulas, que estão mais atraentes e interativas. Todavia, depender do uso das tecnologias como uma espécie de vício, de muleta, pode ser extremamente perigoso, visto que o uso isolado do computador não colabora em nada com o aprendizado. Já que o problema não está ligado à utilização de um aparato e, sim na metodologia empregada.

Compartilho a ideia de um professor de escola pública entrevistado neste trabalho: não é o computador que transforma uma aula. Recursos pouco valorizados, hoje em dia, como fantoches, rodas de leitura e etc. podem ser ainda mais proveitosos, conforme o perfil do grupo de educandos.

Já a prioridade à leitura pode ser recurso eficiente, ainda mais em salas numerosas, desniveladas. A partir da leitura, inúmeras atividades podem ser desenvolvidas, além, obviamente, dos textos funcionarem como espécie de “elo” de ligação com a gramática. No entanto, alguns pontos devem ser observados:

- será que os professores estão realmente preparados para lecionar Inglês a partir da habilidade da leitura?
- valorizar apenas uma habilidade linguística não frustra ainda mais os estudantes?

Diante de tudo o que foi pesquisado, constata-se que Anísio Teixeira estava certo ao afirmar, em meados do século passado, que a escola não seguia a sociedade e, que as metodologias de ensino estavam ultrapassadas. Talvez, em pleno século XXI, as metodologias de ensino não estejam totalmente ultrapassadas, todavia, o que é considerado novo não é utilizado amplamente, geralmente, por falta de conhecimento ou preparação. Quanto ao ritmo, isso ainda permanece intacto. Ao adentrar em uma escola, a sensação de um mundo à parte é latente, infelizmente.

## **5. Bibliografia:**

ABRAHÃO, Maria Helena Vieira. **Prática de Ensino de Língua Estrangeira: Experiências e Reflexões**. Campinas, SP: Pontes Editores, ArteLíngua, 2004.

BARCELOS, Ana Maria Ferreira. **Narrativas, crenças e experiências de aprender inglês**. *Linguagem & Ensino*, v.9, n.2, p.145-175, jul./dez. 2006.

BAUMAN, Zygmunt. **Tempos Líquidos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2007.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua estrangeira /Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRONCKART, Jean-Paul. Os gêneros de textos e os tipos de discurso como formatos das interações propiciadoras de desenvolvimento. In: **Atividade de linguagem, discurso e desenvolvimento humano**. Campinas: Mercado de Letras, 2006. p. 121-160

FABRÍCIO, Branca Falabella. **Linguística Aplicada como espaço de “Desaprendizagem”: redescrições em curso**. In: LOPES, Luiz Paulo da Moita (org.). **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 50<sup>a</sup> ed. revisada e atualizada. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

KUMARAVADIVELU, B. A Linguística Aplicada na era da globalização. In: LOPES, Luiz Paulo da Moita (org.). **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

LOPES, Luiz Paulo da Mota. **Por uma Língua Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006.

LOUSADA, Eliane. **A abordagem do Interacionismo Sociodiscursivo para a análise de textos**. Abordagens metodológicas em estudos discursivos. São Paulo: Paulistana, 2010.

MACHADO, Anna Rachel. **Uma Experiência de Assessoria Docente e de Elaboração de Material Didático para o Ensino de Produção de Textos na Universidade**. DELTA vol.16 n.1 São Paulo 2000.

\_\_\_\_\_; CRISTOVÃO, Vera Lúcia Lopes. **A Construção de Modelos Didáticos de Gêneros: Aportes e Questionamentos para o Ensino de Gêneros**. Linguagem em (Dis)curso - LemD, Tubarão, v. 6, n. 3, p. 547-573, set./dez. 2006.

\_\_\_\_\_; LOUSADA, Eliane Gouvêa. **A Apropriação de Gêneros Textuais pelo Professor: em Direção ao Desenvolvimento Pessoal e à Evolução do “Métier”**. Linguagem em (Dis)curso, Palhoça, SC, v. 10, n. 3, p. 619-633, set./dez. 2010.

\_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_; ABREU-TARDELLI, Lília Santos. **O Resumo Escolar: Uma Proposta de Ensino do Gênero**. SIGNUM: Estud. Ling., Londrina, n. 8/1, p. 89-101, jun. 2005.

RAMPTON, Ben. **Continuidade e mudança nas visões de sociedade em Linguística Aplicada**. In: LOPES, Luiz Paulo da Moita (org.). **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

**Sites Consultados:**

<http://oglobo.globo.com/emprego/brasileiros-nao-sabem-falar-ingles-apenas-5-dominam-idioma-6239142>.

<http://www.educacao.sp.gov.br/>

<http://www.sed.sc.gov.br/secretaria/>

<http://www.educacao.rr.gov.br/>